
PENTECOSTALISMO NO BRASIL NUMA PERSPECTIVA

HISTORIOGRÁFICA: APORTES TEÓRICOS

E METODOLÓGICOS*

Elizete da Silva**

Resumo: este artigo aborda aspectos metodológicos sobre o Pentecostalismo. Analisa as obras de Émile Leonard e de Emilio Conde. Trabalha com a documentação produzida pelas comunidades religiosas: Jornal Mensageiro da Paz, revistas, livros devocionais e memórias. A História Oral oferece experiências dos fiéis. Fontes externas fornecem dados sobre as relações com a sociedade. A História da Religião e a História Cultural propiciam significativos aportes teóricos.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Historiografia. Brasil.

Uma linha de pesquisa historiográfica sobre os grupos religiosos no Brasil ainda encontra-se em processo de consolidação. É compreensível que sendo o catolicismo a confissão religiosa majoritária no País tenha despertado com mais vigor a curiosidade epistemológica dos cientistas sociais, contando com um alentado número de investigações e estudos acadêmicos. O protestantismo, inserido sistematicamente no século XIX, como grupo minoritário, no campo religioso brasileiro, apenas na segunda metade do século XX tornou-se sujeito de pesquisas.

* Recebido em: 03.06.2014. Aprovado em: 17.06.2014.

* Professora Titular Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana. Doutora em História Social. *E-mail:* cliosilva@yahoo.com.br.

No exíguo espaço acadêmico destinado ao estudo da História das Religiões, as Igrejas Reformadas ocupam um ínfimo percentual.

Recentemente, a visibilidade dos grupos protestantes de origem pentecostal e carismática no País, tem despertado o interesse de sociólogos e antropólogos dispostos a entender o expansionismo e o potencial político que eles demonstram. O diálogo interdisciplinar vem ocorrendo e a História tem uma contribuição decisiva quando se analisam os fenômenos do sagrado. Entendemos historiografia como a escrita da História, o trabalho dos historiadores sobre um determinado contexto, grupos, instituições ou sujeitos de estudo. “Um conjunto de práticas investigativas e de representações discursivas acerca do passado” (SILVA, 2011, p.85).

Filósofos, antropólogos sociólogos e historiadores (geralmente de origem protestante) iniciaram, timidamente, a trabalhar o protestantismo como objeto de estudo sistemático. Isso só foi possível graças a uma visão crítica do fenômeno religioso, O que tornou possível uma História do protestantismo foi “essa distância, essa separação estabelecidas por uma sociedade [ou indivíduo] que não pensa mais em si mesma de uma maneira religiosa” (JULIA, 1976, p. 109).

O pentecostalismo contemporâneo, iniciado no século XX nos EUA, em comunidades de batistas e de metodistas negros e brancos, tinha características emocionais e carismáticas, enfatizando os dons espirituais e a glossolalia, (línguas estranhas). Segundo Leonard, “ao lado do protestantismo da Bíblia há um protestantismo do Espírito que vai dos profetas de Zwickau e dos anabatistas ao pentecostalismo de hoje, passando pelos quakers, os inspirados de Cevannes, Swedenborg, os iluminados alemães e muitos outros” (LEONARD, 1988, p.7).

O movimento pentecostal não tardou a chegar ao Brasil: os imigrantes suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, que residiam nos EUA no início do século passado e tiveram as experiências estáticas dos carismáticos batistas e metodistas resolveram deslocar-se para o Pará. Segundo Berg, atendendo uma visão divina: “o dono da casa onde G.Vingren se hospedava recebeu de Deus uma revelação e profetizou para nós que iríamos para o Pará” (BERG, 2000, p. 32). A atividade de extração da borracha na região Norte do País, nas primeiras décadas do século XX, atraiu muitos imigrantes norte-americanos, além de trabalhadores nordestinos.

Vingren e Berg congregaram numa Igreja Batista, construindo um grupo de fiéis que aderiram às experiências espirituais e posteriormente deu origem à primeira comunidade Assembleia de Deus em 1911, em Belém. Segundo Berg, a senhora Celina Albuquerque recebeu o grupo expulso do templo batista em sua própria casa, “a irmã foi a primeira crente batizada com o Espírito Santo” (BERG, 2000, p.58). Do Pará, irradiou-se pelo País, especialmente entre migrantes e operários. Conforme a observação de Leonard (1988, p. 118): “Sua mensagem

unida aos dons do Espírito Santo estender-se-á às classes que a Reforma tem frequentemente rejeitado após tê-las atraído”.

Trabalhamos na perspectiva da História da Religião em interfaces com a História Cultural, utilizando os conceitos de representação, discursos e práticas (CHARTIER, 1990). O diálogo com a Sociologia permite acrescentar o conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu, (BOURDIEU, 1974) contribuindo para o entendimento do cenário religioso brasileiro e suas relações com os demais campos sociais.

VISÕES DE HISTÓRIA DOS ILUMINADOS

A concepção cristã da História, sistematizada por Santo Agostinho e difundida no medievo, também atingiu o protestantismo. Para os grupos reformados Deus age através da História dos homens e manifesta os seus desígnios conduzindo as suas ações. Na teologia protestante, a salvação humana ocupa um lugar central e esta se dá ao longo da História como um processo de revelação divina, que começou desde os patriarcas judaicos até a consumação final com o sacrifício de Jesus Cristo. O Cristianismo é uma religião histórica, isto é, Deus se revela na História dos homens.

Perpassa, ainda, na História Cristã uma visão dualista da historiografia: a História da Salvação, a História Eclesiástica é verdadeira e imutável, a outra é a História profana dos acontecimentos materiais e sem nenhum significado espiritual. Santo Agostinho, com a sua obra *A Cidade de Deus*, transformou-se na matriz principal dessa concepção que separava a realidade em dois campos (SILVA, 2010). O protestantismo brasileiro, em suas diversas expressões herdou das matrizes europeias e norte-americanas uma concepção providencialista da História.

Os primeiros trabalhos historiográficos sobre o protestantismo no Brasil surgem como uma necessidade de registrar o crescimento denominacional, isto é, a aprovação divina para as lides evangélicas. Entende-se que o resgate do processo de crescimento desses grupos missionários era de fundamental importância para a sobrevivência frente ao grupo religioso majoritário. Ao mesmo tempo, essa produção histórica tinha uma finalidade proselitista de divulgar as doutrinas. Os pentecostais da Assembleia de Deus seguiam tal tendência.

O Protestantismo Brasileiro do professor francês Emile Leonard inauguraria, de fato, a escrita historiográfica sobre os protestantes no País. Escrito inicialmente na Revista de História da USP entre 1951 e 1952, publicado em forma de livro em 1963, pela Associação dos Seminários Teológicos, com terceira edição em 2002. Leonard tratou do protestantismo de missão: congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais, não se reporta aos anglicanos e

luteranos, nem tampouco aos pentecostais. Outros textos de Leonard sobre o Brasil: *L' Eglise Presbyterienne du Bresil et ses experiences ecclesiastiques; L' Iluminismo dans un Protestantisme de Constitution Recente*.

A primeira obra histórica sobre o pentecostalismo no Brasil acompanhou as transformações das décadas de 1950 e 1960. Inovações na forma de escrever História foram se incorporando ao ofício dos historiadores “apesar de seus primeiros sinais remontarem aos anos 1930, época da publicação de obras hoje clássicas, como as de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior e da criação das primeiras Faculdades de Filosofia da USP e da antiga UDF” (FALCON, 1996, p.9). A atuação de “brilhantes mestres franceses”, convidados para organizarem os departamentos de História, se constituiria como uma alavanca na profissionalização da pesquisa e ao mesmo tempo trazia contribuições teóricas e metodológicas.

Dentre os historiadores franceses contratados pela Universidade de São Paulo (USP), no final da década de 1940, estava Émile G. Leonard, o qual decidiu tomar o protestantismo como sujeito de investigação histórica. De origem reformada, Leonard já estudava o protestantismo na França, o setor evangélico brasileiro pareceu-lhe como um promissor laboratório para investigações.

O Iluminismo num Protestantismo de Constituição Recente foi escrito em 1952, em francês, traduzido em 1981. Para o autor, o conceito de iluminismo advém de um princípio protestante, de inspiração interior, de uma relação pessoal com a divindade, sem intermediações externas, “uma abertura para a captação direta das revelações divinas” (LEONARD, 1988, p.6). Na introdução da obra Leonard justifica o seu interesse em estudar os protestantes pelo seu crescimento: “conquistou uma considerável audiência (mais de 1.600.000 membros no recenseamento do último ano) em todas as regiões e classes sociais” (LEONARD, 1988, p.8).

O referencial teórico utilizado por Leonard aproximava-se da Escola dos Anais. O professor francês chegou a USP recomendado por um expoente dos *Annales*, Lucien Febvre, do Colégio de France e autor do livro *Um Destino: Martinho Lutero* (LEONARD, 1963, p.6). Apropriando-se de um instrumental teórico-metodológico da escola francesa, Leonard estudaria o pentecostalismo brasileiro como uma manifestação religiosa que mantinha relações com a sociedade circundante, destacando as implicações socioculturais que a sua implantação provocou na sociedade brasileira, majoritariamente católica. Na introdução, o autor cita que a cultura brasileira favorecia o desenvolvimento do iluminismo no protestantismo brasileiro.

Antecedendo a análise dos fatores que propiciaram a instalação da Congregação Cristã do Brasil (1910) e da Assembleia de Deus (1911), o historiador francês se reportou ao sebastianismo, ao messianismo brasileiro, destacando o movi-

mento messiânico dos Muckers, ocorrido entre os luteranos teuto-brasileiros no Rio Grande do Sul, na segunda metade do século XIX e a atuação de dois líderes carismáticos na Igreja Presbiteriana do Brasil, a saber, José Manoel da Conceição, que tinha visões e práticas de um místico e Miguel Vieira Ferreira que fundou a Igreja Evangélica Brasileira com um rasgo nitidamente pentecostalizador, em 1879.

A proposta teórica de E. Leonard era de uma História Social dos grupos religiosos, segundo ele consistia “no estudo ‘do corpo’ no qual se encarnam essas crenças, fazendo das Igrejas realidades, realidades humanas com todas as peculiaridades que surgem desta tradução de idéia do ‘real’” (LEONARD, 1963, p. 16). A abordagem laudatória predominava de tal forma nos trabalhos sobre o protestantismo brasileiro, que Leonard sentiu-se compelido em avisar aos seus leitores que o mesmo não tinha nenhum objetivo religioso: “não será inútil, cremos, salientar, desde logo, que não se tratará aqui de uma história confessional” (LEONARD, 1963, p.15).

Outro aspecto a destacar na escrita de Leonard é a imparcialidade da sua leitura das fontes, ao relatar os testemunhos de conversão dos fiéis da Assembleia de Deus, o autor não faz juízos prévios, ou desqualifica o emocionalismo: “Não nos apressemos em falar de fórmulas estereotipadas lançando dúvida sobre a sinceridade ou a autenticidade da experiência. É natural que crentes sem grande cultura empreguem as expressões que ouvem e lêem e que traduzem exatamente a doutrina protestante e seus próprios sentimentos” (LEONARD, 1988, p.75).

O autor francês trabalhou com fontes escritas, a exemplo do *Jornal Mensageiro da Paz*, relatórios de congregações do Estado de São Paulo, memória autobiográfica do pioneiro Luigi Francescon, jornais de São Paulo e Estatutos das igrejas. Fez observação participante, frequentando vários cultos e cerimônias. Antecipando o uso do método da História Oral, fez entrevistas com alguns irmãos que compunham as comunidades, buscando entender o que presenciava nas reuniões do grupo religioso.

Sintonizado com os novos métodos dos Anais, Leonard utilizou ainda, os resultados de uma enquete nos bairros onde se concentravam “os glórias”, como eram designados popularmente os pentecostais, investigação que havia sido realizada por seu colega Roger Bastide, na época também professor visitante na USP. Numa nota ao final do livro, o professor francês agradeceu as “indicações coletadas pela estudante Maria Isaura Pereira de Queiroz, que preparou uma tese sobre o messianismo brasileiro” (LEONARD, 1988, p.119).

Em 1960, veio a lume a *História da Assembléia de Deus no Brasil*, publicada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus, com segunda edição no ano de 2000. De autoria do jornalista Emilio Conde (1901-1971), membro dessa comunida-

de religiosa, redator durante décadas do *Jornal Mensageiro da Paz*, de tiragem nacional, órgão noticioso e doutrinário da Igreja Assembléia de Deus. O autor era um leigo que participava ativamente das instâncias assembleianas, poliglota e autodidata. Escritor profícuo de textos devocionais, além de compositor de hinos da *Harpa Cristã*, o hinário assembleiano.

Conde fez investigações e se preparou para responder aos opositores e aos concorrentes que temiam o avanço e os excessos emocionais dos pentecostais. Em um artigo de 1953, quando a Igreja Assembleia de Deus comemorava 42 anos de organização no País já avisava que estava coligindo dados e a sua leitura das origens assembleianas era a verdadeira: “Qualquer outra versão que alguém pretenda dar à fundação da Assembleia de Deus, não expressa a verdade, só pode ser levada à conta de ignorância e desrespeito” (CONDE, 2004, p.57).

Ainda neste artigo supracitado, o autor assembleiano esclareceu a sua concepção de História, como algo natural “como acontece com todas as coisas existentes, uma história cheia de lances emocionantes e de vitórias obtidas em nome do Senhor”. Prosseguindo a sua narrativa acrescentou “antes que tudo, neste Movimento espiritual estava em ação o Espírito Santo, e Deus serviu-se de dois homens consagrados ao Seu serviço, para trazer o testemunho do Evangelho de Poder ao Brasil” (CONDE,2004,p.55). Animava o seu esforço intelectual uma concepção cristã da História, na qual Deus preside a trajetória dos homens na terra, inclusive as atividades religiosas.

Convém destacar que os historiadores evangélicos transitavam no ambiente cultural da época, carregado da tradição evolucionista e positivista escrevendo inspirados na concepção historiográfica vigente no País durante a primeira metade do século XX. Segundo Falcon “ao longo de muitas e muitas décadas a historiografia vicejou sob o signo do empirismo positivista como a única maneira séria ou científica de escrever História” (FALCON, 1996, p. 8).

A obra de Conde está dividida em vários capítulos, relatando a expansão do grupo religioso, as dificuldades e perseguições. Ao se reportar à fundação da Assembléia de Deus no Maranhão opinou: “Aqui o trabalho prosperou em todas as frentes, mostrando que as forças do inferno jamais haveriam de prevalecer contra a Igreja de Cristo” (CONDE, 2000, p.39). Priorizava os fatos cronologicamente organizados, a estrutura denominacional e a comemoração de efemérides, sem esforço interpretativo de vinculação dos fatos com a realidade circundante. Fazia-se história paroquial, as relações com a sociedade global inexistiam, os acontecimentos eclesiais explicavam-se por si mesmos, tomando como referência a providência divina.

Além de ser factual, que se repetia conforme a vontade divina tratava-se de uma história heroica, onde se registravam os grandes feitos, os acontecimentos positivos que enobreciam os pioneiros suecos e as lideranças nacionais emergentes. No

texto de E. Conde, o Movimento Pentecostal que chegou ao Brasil, tinha sua origem nos avivamentos históricos ocorridos no interior do protestantismo e especialmente no relato bíblico fundante do dia de pentecostes. Em sua perspectiva “no ano de 1911 a história se repetiu na cidade de Belém” (CONDE, 2000, p.33) com o trabalho dos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren.

A *História das Assembléias de Deus no Brasil* de E. Conde, como relato apologético e edificante, consta de uma narrativa acrítica, sem fontes ou outros textos que o autor tivesse usado para elaborar seu trabalho. Porém, no citado artigo sobre os *42 anos da Assembléia no País*, o autor relatou as fontes que se baseou: “as informações para compor este esboço...foram fornecidas pelos irmãos Gunnar Vingren, Daniel Berg e Manoel M. Rodrigues, de quem as ouvimos pessoalmente, bem assim, pelos apontamentos históricos do irmão Manoel Rodrigues” (CONDE, 2004, p.57).

APORTES METODOLÓGICOS

A relevância desses primeiros estudos se configura não só pela contribuição que oferece para o conhecimento mais amplo do campo religioso brasileiro, mas também pelo fato de que, ao se estudar as comunidades pentecostais do Brasil, estarão sendo analisadas representações, visões de mundo, e o cotidiano de parcelas populares significativas da sociedade brasileira. Além dos estudos institucionais é possível trabalhar com relações de gênero, aspectos políticos e culturais das denominações pentecostais.

Os primeiros textos interpretativos sobre o pentecostalismo brasileiro traziam a marca da interdisciplinaridade: Sociologia e História do Protestantismo estavam muito próximas. O trabalho de cunho sociológico *A Experiência da Salvação* de Beatriz Muniz de Souza, publicado em 1969, teria uma importância fundamental, como obra científica que analisava o pentecostalismo em São Paulo.

O pesquisador do protestantismo no Brasil conta com uma dificuldade a mais: a ausência de arquivos como existem na Igreja Católica, que concentra todo o seu material nas Cúrias ou Sé das respectivas dioceses. As fontes dos grupos pentecostais encontram-se dispersas e sem sistematização. Em 2000 a Convenção da Igreja Assembleia de Deus organizou o *Memorial Gunnar Vingren*, no Rio de Janeiro, com o objetivo de preservar a documentação.

Para dar suporte à abordagem do pentecostalismo, é possível trabalhar com fontes manuscritas e impressas, eclesiásticas e não eclesiásticas, além de uma bibliografia específica de apoio. Fontes eclesiásticas manuscritas: livros de atas; livros de membros; livros da tesouraria; correspondências e cartas de transferência são ricos em informações sobre o cotidiano das congregações, os problemas

enfrentados, as estratégias de expansão, as relações com outros campos da realidade social, inclusive com o campo político.

Fontes impressas: *Jornal Mensageiro da Paz*; *Revistas da Escola Dominical*, *Revista O Obreiro*, que fornecem artigos, comentários doutrinários, recomendações sobre aspectos da vida cotidiana dos fiéis, usos e costumes, bem como o pensamento teológico oficial. As memórias dos pioneiros, a exemplo de *Enviado por Deus*, *memórias de Daniel Berg* e de outros pastores propiciam informações sobre os primórdios do grupo, o impacto que causou no campo religioso brasileiro em geral e as relações com os demais evangélicos. Fontes iconográficas podem subsidiar informações que foram omitidas em outros documentos.

O recurso metodológico da História Oral permite conhecer os discursos e as práticas dos fiéis, especialmente relatos sobre as conversões e experiências estáticas como a glossolalia e a possessão do Espírito Santo. O significativo papel dos leigos no pentecostalismo pode ser averiguado através de entrevistas e histórias de vida de obreiros e obreiras atuantes no espaço eclesial, inclusive nos Círculos de Oração, uma organização feminina das Assembleias de Deus no Brasil.

Fontes externas: jornais locais; anais de Câmaras de Vereadores e Assembleias Legislativas fornecem dados sobre as relações com a sociedade circundante. Inventários e testamentos também informam sobre a composição social das comunidades. As *Estatísticas do Culto Protestante* e posteriormente o *Censo Religioso* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) trazem dados relevantes sobre o crescimento numérico e a expansão das doutrinas pentecostais no território brasileiro. Seguindo as orientações dos mestres, de que tudo o que o homem toca pode se transformar em fonte, vestígio do passado da humanidade, nos permite afirmar que existe uma variedade de fontes documentais para se investigar o pentecostalismo, apenas precisam ser adequadamente interrogadas pelos pesquisadores.

Como resultado do desenvolvimento de pesquisas sobre os grupos pentecostais, atualmente, nos Programas de Pós-Graduação em História e Ciências Sociais do País existe um percentual de teses e dissertações sobre o pentecostalismo brasileiro. Em instituições universitárias no Norte, Centro-oeste, Sudeste e no Sul do País há uma razoável produção científica sobre os pentecostais. Citaremos, apenas, alguns trabalhos originários de centros acadêmicos do Nordeste: Em Pernambuco, Célia Santana (2001) estudou mulheres pentecostais em Recife; na Bahia, Igor Trabuço Silva (2009) pesquisou sobre a inserção da Assembleia de Deus nas instâncias políticas de Feira de Santana; Sara dos Anjos Ferreira (2008) estudou o papel das mulheres na expansão e consolidação da Assembleia de Deus em Feira de Santana; Lucas Santana Gomes (2013) investigou os usos e costumes dos assembleianos brasileiros em relação às mídias;

Lizandra Santana da Silva (2014) analisou conversões e o trânsito religioso de candomblecistas e pentecostais no campo religioso de Cachoeira.

No Maranhão, Lyndon Santos no artigo *Protestantismo e Pentecostalismo no Maranhão – Séculos XIX-XX* (2003) abordou algumas perspectivas teóricas e metodológicas para o estudo dos grupos evangélicos maranhenses, enfatizando as Assembleias de Deus. A dissertação de mestrado de Carlos Eduardo Ferreira Soares (2008) – *Usos e costumes: da identidade ao conflito na Assembleia de Deus em São Luis* –, analisou as transformações no que concerne ao comportamento dos membros e o papel do pastor. Elba Fernanda Marques Mota (2009), na monografia *Poder, subjetividade e condição feminina no pentecostalismo maranhense: o caso da Igreja Assembleia de Deus (1940-1990)* e em sua dissertação *Representações de si e prática da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)* (2013) analisou os papéis das mulheres e a dinâmica eclesial interna.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A historiografia apologética deve ser criticada pela sua confessionalidade, no entanto convém reconhecer a importância desses primeiros trabalhos, a exemplo da obra de Conde, como fontes para estudos futuros, especialmente na ausência de documentação primária. Destacamos a relevância de Leonard para a constituição de uma historiografia crítica sobre o pentecostalismo, a qual, como a historiografia geral brasileira, recebeu um substancial impulso da Escola dos Anais para construir uma nova concepção historiográfica.

No final dos anos 1960 mudanças culturais e ideológicas ocorridas no País afetaram as comunidades protestantes, propiciando transformações nas concepções de alguns setores. Uma nova geração de acadêmicos protestantes passava a preocupar-se com as questões sociais, buscava entender o papel do pentecostalismo e o seu potencial na sociedade brasileira. Atualmente, os Programas de Pós-Graduação em História e Ciências Sociais do País já quantificam uma significativa produção de teses, dissertações e artigos sobre o pentecostalismo brasileiro e suas interfaces com a política, gênero, mídia, além de aspectos internos estruturais.

O pentecostalismo brasileiro e seus desdobramentos em grupos neopentecostais se constituem como um amplo espectro de pesquisa, um desafio aos historiadores dos fenômenos do sagrado. Estudar o pentecostalismo é trazer à luz do conhecimento histórico uma relevante parcela da população nacional.

PENTECOSTALISM IN BRAZIL IN A HISTORIOGRAPHIC: THEORETICAL AND METHODOLOGICAL PERSPECTIVE

Abstract: *this article discusses methodological aspects of Pentecostalism. It analyzes two books by Emile Leonard and Emilio Conde. It works on the Peace Message newspaper, magazines, devotional books and memories. Oral History offers experiences of the followers. External sources provide data about the relations within surrounding society. The History of Religion once intertwined with the Cultural History provides significant theoretical framework.*

Keywords: *Pentecostalism. Historiographic. Brazil.*

Referências

BERG, Daniel. *Enviado por Deus Memórias de Daniel Berg*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2000.

CHARTIER, Roger. *História Cultural Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CONDE, Emilio. *História das Assembléias de Deus no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2000.

CONDE, Emilio. Quarenta e dois anos de História. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, 2004.

FALCON, Francisco. A identidade do historiador. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 1996.

FERREIRA, Sara dos Anjos. *O papel da Mulher na expansão e consolidação da Assembléia de Deus em Feira de Santana*. Monografia (TCC de Especialização) – UEFS, Feira de Santana, 2008.

JULIA, Dominique. A religião: história religiosa. In: LE GOFF, Jacques. *História novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LEONÁRD, Émile. *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1988.

MOTA, Elba Fernanda Marques; SANTOS, Lyndon de A. O apóstolo da simplicidade evangélica: Estevam Ângelo de Souza e o pentecostalismo no Maranhão. In: COSTA, Yuri; GONÇALVES, Marcelo Cheche. *Maranhão: ensaios de biografia histórica*. São Luís: Café & Lápis, 2011.

MOTA, Elba Fernanda Marques. *Poder, subjetividade e condição feminina no pentecostalismo maranhense: o caso da Igreja Assembleia de Deus (1940-1990)*. Monografia (TCC) – DEHIS, São Luís, 2009.

MOTA, Elba Fernanda Marques. *Representações de si e prática da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)*. Monografia (Dissertação) - UERJ, Rio de Janeiro, 2013.

ROLIM, Francisco Cartaxo. *Pentecostalismo: Brasil e América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTANA, Célia. *Mulheres pentecostais*. Dissertação (Mestrado), UFPE, Recife, 2001.

SANTANA, Lucas Gomes. *A Caixa do Diabo: representações da Assembleia de Deus sobre a*

- televisão em Salvador. Dissertação (Mestrado) - UEFS, Feira de Santana, 2013.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. Protestantismo e pentecostalismo no Maranhão. In: SIEPIERSKI, Paulo D.; GIL, Benedito M. Angelo P. *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo: Paulinas/ABHR, 2003.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira república brasileira*. São Luís: EDUFMA; São Paulo: ABHR, 2006.
- SILVA, Elizete da. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira evangélicos progressistas em feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.
- SILVA, Lizandra Santana da. *Do Axé ao aleluia transformações no campo religioso cachoeirano*. Dissertação (Mestrado) – UEFS, Feira de Santana, 2014.
- SILVA, Paulo Santos. A historiografia baiana nos últimos 50 anos. In: GLEZER, Raquel. *Do passado para o futuro*. São Paulo: Contexto, 2011. Edição Comemorativa dos 50 anos da ANPUH.
- SILVA, Igor José Trabuco. *Meu reino Não é Deste mundo: a Assembléia de Deus e a política em Feira de Santana (1972-1990)*. Dissertação (Mestrado) – UFBA, Salvador, 2009.
- SOARES, Carlos Eduardo Ferreira. *Usos e costumes: da identidade ao conflito na Assembleia de Deus em São Luís*. São Luís: PPGCS/UFMA. Dissertação de Mestrado, 2008.
- SOUSA, Bertone de Oliveira. *Uma perspectiva histórica sobre construções de identidades religiosas*. Imperatriz, MA: Ética, 2011.
- SOUZA, Beatriz Muniz de. *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*. São Paulo: Duas Cidades, 1969.